



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

GRANJA DO TORTO, BRASÍLIA, DF, 25 DE JANEIRO DE 2002

Evidentemente, cabem, ao início, os agradecimentos à presença de tantas pessoas de tão alto significado para esse processo de revisão da mentalidade que existe hoje no mundo e dizer que a idéia desta mesma reunião surgiu de um encontro nosso com o Fábio Feldman, o Tom Lovejoy e o Roberto Guimarães algum tempo atrás, que nos deu a idéia de que houvesse a possibilidade de uma reunião dessa natureza para reativar a questão do Tratado de Cooperação Amazônica e, também, servir de motivação para os encontros que teremos em função da reunião de Johannesburgo.

Não quero só agradecer a todos assim, de maneira genérica. Todos aqui têm cooperado. Mas quero agradecer muito em especial à União Internacional para a Conservação da Natureza e à nossa querida Yolanda Kakabadse e a todos aqueles que trabalham com ela, assim como agradeço o apoio que temos tido do Banco Mundial, sem o que não teríamos possibilidade de realizar esta reunião, com o apoio também da Fundação Futuro Latino-Americano, que aqui nos ajudou bastante.

A nossa reunião com a UICN, desde a convenção sobre a biodiversidade – participação muito importante, muito ativa, que houve de sua

parte, da parte de seus cooperadores –, foi muito útil para todos nós. Sabemos, obviamente, que essa questão de meio ambiente, especialmente da Amazônia, tão complexa, tão sensível, exige uma cooperação permanente de intercâmbio. E a participação da sociedade é fundamental. Se não houver essa participação das organizações não-governamentais, dificilmente se leva adiante qualquer processo efetivo de mudanças, de costumes, de cabeças e de práticas. É muito importante ressaltar, sempre, que nós temos tido essa cooperação.

Talvez seja esse o sinal mais visível da modificação que ocorre, neste aspecto, no mundo, no que diz respeito ao que sejam os Estados, à estrutura do Estado e à relação entre o Estado e a sociedade.

Costumo repetir sempre uma expressão de que gosto muito, de um autor que já esteve mais na moda do que hoje, que se chama Antonio Gramsci, que falava da porosidade necessária. Ele falava da porosidade num outro sentido, *una società gelatinosa*, dizia em italiano. A sociedade tinha que ser permeável. Hoje, o Estado tem que ser permeável – permeável ao conjunto de manifestações que existem na sociedade. São muitíssimos os exemplos de que isso é necessário.

O Estado moderno é o Estado que se abre, que se abre ao diálogo, que se abre para a crítica, que se abre aos vários setores da sociedade, independentemente, enfim, da posição de cada um desses setores na sociedade e do ponto de vista de hierarquia; e independentemente, também, das posições políticas e das visões do mundo. O Estado tem que ser capaz de ter essa permeabilidade, para que possa processar, realmente, de maneira adequada, as demandas da sociedade. Essa quase fusão entre o Estado e a sociedade vai dar, no futuro, nascimento às idéias novas, a conceitos novos e a tudo que aprendemos. No fundo, somos herdeiros do século XIX, ainda. E o século XX mudou tudo isso. O século XXI vai mudar mais ainda, até o próprio vocabulário que se usa para descrever essas questões, porque ainda estamos presos a um momento da História em que não havia esse tipo de articulação. Hoje, nós todos fazemos parte. Esta reunião é um exemplo disso, não só no caso do Brasil como no de vários outros países em que existe, realmente, muito maior permeabilidade, que é a condição para que avancemos.

Percebi, naturalmente, desde o início – estou muito agradecido por isso – que aqui existe, também, um movimento de fazer com que eu assuma mais responsabilidades nessa matéria. Agora, vou me vingar. Assumo, assumirei com duas condições: uma é a de que todos os aqui presentes – e, depois, muitos mais – se transformem em meus assessores informais. E a outra – e aí todos vamos sofrer as conseqüências – é que vou nomear o Fábio Feldman como assessor formal para essa matéria. Realmente o exercício de funções de liderança, também, neste mundo, como acabei de dizer, muito sucinto, requer a possibilidade de ser o que em espanhol se chama *bisagra* – em português, dobradiça das janelas, das portas. Precisa-se de uma dobradiça entre o Estado e a sociedade. Não dá mais para exercer qualquer liderança sem isso: exige-se uma dobradiça. E o Fábio vai ser a parte visível dessa *bisagra* e vocês vão ser a parte invisível.

*Feldman:* Vão pagar caro isso.

*Presidente:* Não tenho dúvidas. Mas já estou pagando há muito tempo. Então, que outros paguem junto comigo.

Realmente, é importante que tenhamos essa percepção de que é preciso dar passos adiante nessa matéria, para que possamos ter um mundo mais vivível, um mundo melhor.

Agora, temos uma comissão interministerial, que já está encarregada de preparar a Rio+10. Nós estamos já desenvolvendo isso. E é preciso que haja agora uma ampliação dessas bases de apoio para que essa reunião de Johannesburgo tenha um sentido maior. O Embaixador Eduardo Santos acabou de mencionar: nós fizemos, no Rio de Janeiro, a passagem do comando simbólico da Rio+10 para Johannesburgo. O Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, virá ao Brasil e, espero, o Primeiro-Ministro da Suécia e o Presidente da África do Sul também. Nós, então, poderemos aproveitar para fazer um encontro desta natureza, dando mais visibilidade ao que se deseja e ao que se está fazendo.

As idéias, certamente, vão se aperfeiçoar e vão se aperfeiçoando cada vez mais. Tive, pessoalmente, a possibilidade de entrar em contato com